

## ESCRITA E PODER NA ANTIGUIDADE

*Tiago França<sup>154</sup>*  
*Renata Lopes Biazotto Venturini<sup>155</sup>*

### RESUMO

Temos como proposta neste artigo discutir a escrita e o poder na antiguidade, especialmente no período clássico. Começaremos tal discussão com um passeio pela escrita no mundo antigo e posteriormente estudaremos a literatura do período imperial romano e em especial um autor, Caio Suetônio Tranquilo, o qual utilizaremos como fonte de exemplo da escrita e o poder andando juntas neste período.

Em primeiro lugar iremos tratar como a escrita e poder estão relacionados na antiguidade, faremos uma discussão mais abrangente para mostrar não apenas a discussão no período clássico, mas para mostrar de forma geral e introdutória que tal assunto abrange um período maior. Em seguida trataremos do estilo biográfico na Antiguidade Clássica, mostrando como este modo de escrita surgiu e como ele teve importantes funções na sociedade clássica.

**Palavras-chave:** Escrita; Poder; Antiguidade Clássica.

No presente artigo pretendemos explicar sobre a relação entre escrita e poder na antiguidade clássica, perpassando rapidamente pela escrita grega e estabelecendo um estudo maior na escrita romana e convergindo para um autor em especial, à saber: Caio

---

<sup>154</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, pesquisador do LEAM – Laboratório de Estudos Antigos e sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Renata Lopes Biazotto Venturini.

<sup>155</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Lopes Biazotto Venturini é adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. A mesma integra o Programa de Pós-Graduação em História / UEM e coordena o LEAM – Laboratório de Estudos Antigos e Medievais.

Suetônio Tranquilo. Este texto é resultado de uma minicurso apresentado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em maio deste ano.

Nossa viagem pela escrita relacionada com o poder inicia com uma simples pergunta, é possível pensar em escrita sem falarmos em poder? No nosso ver não, no sentido de que toda a escrita está envolta por interesses, sejam eles quais forem.

Pensamos essa forma de poder como a manipulação da escrita para finalidades particulares, pessoais e de alguns grupos de pessoas para manutenção, aquisição e contestação do poder. E essa característica aumenta ainda mais se pensarmos na escrita da antiguidade, devido a sua importância como forma de propaganda, transmissão de conhecimento, informativa, entretenimento, etc.

Talvez fique mais claro nosso posicionamento com exemplos sobre isso e pensando nisso iniciaremos com um exemplo de relação de poder e escrita de um autor grego. Píndaro, mais conhecido como “Língua de Prata”, foi segundo os historiadores um grande escritor grego que não hesitava em escrever por dinheiro e também um dos primeiros casos de artista contratado por seu patrono. Interessante notar que em seus escritos vemos uma preocupação em chamar a atenção para sua função e para si próprio

“Musa, estabelece um acordo para alugar  
A língua de por prata  
E tens de a manter activa, hoje aqui, amanhã ali...” (FINLEY, 1990, p.78)

E prossegue falando de sua função

“Para ser o seu mensageiro  
Eleito de palavras sensatas  
Aos belos lugares de dança da Hélade  
A musa me ergueu” (FINLEY, 1990, pg.78)

Percebemos pelas citações deste autor grego que sua preocupação era com o que iria ganhar com sua escrita e não com o conteúdo por ele escrito, ou mesmo a função que seria dada a sua escrita.

Nos primórdios da escrita grega também vemos a preocupação com escrita de uma forma que ela fosse lembrada depois apenas com a parte interessante para quem a lesse. Como exemplo, temos Homero e Heródoto que assim como a maioria dos escritores gregos posteriores à eles tem como características serem grandes observadores e hábeis narradores. Gostam de selecionar e descrever aquilo que é digno de ser visto, seguindo a ideia de que o homem deve ter uma vida com glórias.

E como passar pela escrita grega e não pensar no teatro grego? O teatro na Grécia antiga surgiu e estava relacionado com o culto do deus Dionísio. Vendo o interesse do povo pelo teatro, os governantes incentivaram esta forma de arte e seu desenvolvimento, com inúmeras atividades, mas principalmente com concursos. Sendo que aí temos a divisão dos dois gêneros que se tornaram base para todos os outros estilos de teatro posterior, a comédia e a tragédia.

Segundo Jean Vernant a tragédia, que para nosso estudo é mais pertinente, era:

“(...) podia levar à cena, de forma simbólica, debates contemporâneos acerca de temas políticos e morais, como, por exemplo, a limitação dos poderes do Areópago nas Euménides, de Ésquilo. No entanto, o seu significado cívico e político também podia ser mais difuso e indirecto. O papel de Odisseu no Ájax de Sófocles, por exemplo, afirma o valor democrático do compromisso sobre o autoritarismo e a intransigência aristocráticas. A tragédia também levanta a questão dos perigos inerentes ao exercício do poder (Persas, Orestia, Antígona), mostra as infaustas conseqüências da divisão ou da discórdia na cidade (Sete contra Tebas, Fenícias), ou descobre uma estrutura moral que está na base das acções humanas, como se pode ver pelo lento, difícil e muitas vezes doloroso caminho da justiça através de muitas gerações, por exemplo, nas trilogias de Ésquilo.” (VERNANT, 1994, p.178)

Podemos perceber que esse estilo de teatro tinha a sua função social e pertinente a relação da escrita e do poder, por levar a discussão temas que eram atuais e com certeza interferir na opinião das pessoas que assistissem. Assim sendo o teatro cria um espírito comunitário dentro da cidade, relação de união entre os espectadores. E Vernant complementa sua ideia:

“A tragédia não só faz incidir o espelho distanciador do mito sobre problemas contemporâneos como reproduz algumas das mais importantes instituições cidadinas. As suas afinidades são com os tribunais.”(VERNANT, 1994, p. 181)

Uma das características importantes do estudo da escrita em relação ao poder é o momento histórico que ocorre a produção do texto. Isso ficará claro no estudo apresentado agora por nós no que se refere à literatura latina.

O marco inicial, segundo Zélia Cardoso de Almeida(2003), da literatura Latina se deu com a tradução da Odisséia, feita por Lívio Andronico nas proximidades de 240 a.C. Ainda no século III a.C. literatura se achava ainda em fase inicial, pendendo ainda para manifestações orais. Isso somente se altera com o contato com a cultura grega, ainda no século III a.C.

O apogeu da literatura romana se dá no período de sua expansão, segundo Almeida(2003):

“Durante a segunda metade do século III e o século II a.C. essa literatura se desenvolve e se aperfeiçoa, chegando à expressão mais alta no século I a.C. Roma, nessa época, havia conquistado toda a Itália meridional (meados do século III a.C.), tornando-se a grande potência do Mediterrâneo(…)”(ALMEIDA, 2003, p.241)

E continua sua explanação relacionando a escrita ao poder:

“Marcados por novas conquistas, por guerras civis e profundas modificações políticas, sociais e culturais, o final do século II e o século I a.C. presenciaram, sucessivamente, a luta de classes, a acirrada disputa pelo poder, a agonia do sistema republicano, o estabelecimento do regime imperial e o grande desenvolvimento das artes, das letras e da vida intelectual.”(ALMEIDA, 2003, p.242)

Dentre essas artes que se desenvolvem no período de apogeu intelectual de Roma, está o etilo biográfico, que é o estilo que queremos nos ater mais e dentro deste estilo um autor em especial vai nos chamar a atenção devido ao tema, Suetônio. Por isso iremos mostrar agora no texto, um estudo sobre a biografia e logo depois falaremos sobre a relação de Suetônio com o estilo e com o tema do artigo.

O gênero biográfico começa na Grécia e irá se constituir em mais uma forma de revelar a experiência humana através da história de uma vida. Sobre este tema temos o seguinte histórico de Cizek (1977, p.26) em “sur le sol si fertile em productions littéraires de La Grèce, la biographie avait décourvert um terrain de choix”.

Segundo Aldo Eustáquio Assir Sobral(2007), pode-se dividir os gêneros biográficos da antiguidade em três principais estilos:

“- o ecômio – primitivamente, uma forma de canto triunfal e posteriormente objeto de interesse da retórica epidítica, transformado em esquema com diversas variações para a composição do elogio e do vitupério, que mais tarde serviriam de base para elaboração das biografias.

- a biografia peripatética, cultivada por filósofos, sob a influência de Aristóteles – seu interesse precípua está voltado para o estudo do caráter e da personalidade, pendendo para um estilo objetivo, mais rebuscado que o ecômio. Em sua redação, encontram-se elementos positivos e negativos do biografado.

- a escola alexandrina, cultivada por filólogos, contemplava a descrição das vidas de poetas, filósofos, oradores e escritores em geral; seu objetivo maior era organizar, selecionar e sistematizar, sob o ponto de vista da autenticidade, dados informações e testemunhos.” (p.19)

Suetônio seria uma mistura desses estilos, porque não utilizaria um estilo rigoroso para sua escrita, indo da biografia peripatética, por mostrar os dois lados dos biografados e também da escola alexandrina, por ter buscado sempre os documentos para dar autenticidade sobre os governantes romanos. Cizek(1977) vai dizer que: “Suetóne n’avait aucune raison d’imiter les biographes de la direction alexandrine, assez flottants eux-mêmes, ni surtout quelqu’un, dont, au surplus, on n’a conserve aucun ouvrage.” (p.26)

É possível também buscar as origens da biografia em alguns gêneros literários existentes em Roma. Sobral(2007), vai nos dar os nomes e as características destes gêneros que, segundo ele, precederam a biografia em Roma:

“- “carmina convivalia” – canções recitadas em banquetes em honra de um antepassado famoso;

- “neniae” – cantos fúnebres que destacavam o defunto;

- “carmina triumphalia” – cantos de triunfo em homenagem aos heróis vitoriosos em batalhas – “elogia – curriculum vitae” de personalidade pelos seus grandes feitos;

- “laudationes fúnebres” – discursos elogiosos, em público, em homenagem ao morto, feitos por membros da família.

Além destas formas oficiais , era corrente em Roma um ramo que poderia ser adotado como precursor do gênero biográfico – “Stemmata” – árvore genealógica, que descrevia cronologicamente a origem e os graus de parentesco de uma pessoa.” (p.21 – 22)

Outro autor que fala sobre a biografia na Antiguidade, é o pensador russo, Mikhail Bakhtin, em sua obra *Questões de Literatura e Estética*(1993) ele dá um panorama geral sobre as biografias antigas, ele diz que:

“(...) e entretanto, na Antiguidade, não foi criado tal romance, isto é, uma grande obra biográfica que, de acordo com nossa terminologia, poderíamos chamar de romance. Porém, nela desenvolveu-se uma série de formas biográficas e autobiográficas notáveis que exerceram enorme influência não só para o desenvolvimento a biografia e da autobiografia européias, mas também para o desenvolvimento de todo o romance europeu. Essas formas antigas baseadas em um novo tipo de tempo biográfico e em uma nova imagem especificamente construída do homem que percorreu o seu caminho de vida.”(BAKHTIN, 1993, 232)

Com podemos ver nessa citação, Bakhtin acredita que existe uma grande diversidade de tipos de biografias na antiguidade, que são expostos, na sua maioria, por ele. Notamos que Bakhtin tem uma preocupação em descobrir as origens do estilo biográfico, ele inicia seu estudo falando sobre as autobiografias gregas e romanas, partindo deste ponto para entender como o gênero da biografia surgiu na antiguidade clássica.

Uma importante característica da biografia na Antiguidade que Bakhtin ressalta, é a da preocupação com o lugar que eram produzidos esses gêneros, a isso ele dá o nome de cronotopo. Ele define cronotopo como:

“Ao falar sobre esse tipo clássico, é preciso antes de tudo notar o seguinte: essas formas clássicas de autobiografias e biografias não eram obras de caráter

livresco, desligadas do acontecimento, eram atos verbais cívico – políticos, de glorificação ou de autojustificação públicas. É justamente nas condições desse cronotopo real que se revela (se publica) a sua vida ou a dos outros, que se especificam as facetas da figura do homem e da sua vida, que se dão esclarecimentos definidos a respeito delas.” (BAKHTIN, 1993, 234)

A seguir ele explica que existem cronotopos diferentes em Roma e na Grécia. Sendo o cronotopo da Grécia, o seguinte:

“O cronotopo real é a praça pública (a ágora). Foi ali que, pela primeira vez, surgiu e tomou forma a consciência autobiográfica e biográfica do homem e da sua vida na Antiguidade clássica.” (BAKHTIN, 1993, 234)

E o de Roma segundo define ele, seria:

“As autobiografias e as memórias romanas se elaboraram de acordo com outro cronotopo real. Foi a família romana que lhes deu o fundamento de vida. A autobiografia, aqui, é um documento da consciência familiar e ancestral. Porém, nesse ambiente, a conscientização não se torna privada, íntima ou pessoal. Ela mantém um caráter profundamente público.

A família romana (patrícia) não é uma família burguesa, símbolo de tudo o que é privado e íntimo. Precisamente enquanto família, ela se une diretamente ao Estado. Cargos importantes do domínio estatal eram confiados ao chefe da família. Os cultos religiosos da família(ancestrais), cujos papéis eram enormes, funcionavam como prolongamento direto dos cultos nacionais. Os ancestrais eram representantes do ideal nacional. A consciência é orientada para uma lembrança concreta da linhagem e da ascendência, e ao mesmo tempo é orientada para a hereditariedade. As tradições familiares-patriarcas devem ser transmitidas de pai para filho. A família possui seu arquivo onde são conservados os documentos manuscritos de todos os descendentes da linhagem. A autobiografia é escrita com o objetivo de transmitir as tradições familiares-patriarcais e descendentes a descendente e é colocada em arquivos. Isso faz da consciência autobiográfica um fato público-histórico e nacional.” (BAKHTIN, 1993, 235)

Bakhtin ainda dá uma diferença entre os dois tipos de cronotopo, o grego e o romano:

“A historicidade específica da consciência autobiográfica dos romanos se distingue da grega, que se orientava para os contemporâneos vivos, presentes na praça pública. A consciência romana sente-se, antes de mais nada, como o elo entre os antepassados mortos e os descendentes que ainda não participam

da vida política. Por isso ela não é tão harmoniosa, mas em compensação está mais profundamente penetrada pelo tempo.” (BAKHTIN, 1993, 237)

Como podemos notar, a família patriarcal surge em Roma como base dos discursos biográficos, diferentemente da grega que via na praça pública o local de lembrar das pessoas ilustres e ainda vivas.

Em uma dessas características do gênero biográfico antigo, vemos o discurso fúnebre, este aparecerá na obra de Suetônio, em uma passagem do General Júlio César e do Imperador Augusto. Vemos que ambos fazem discursos fúnebres a pessoas distintas de suas famílias, nos mostrando assim como funcionaria uma destas característica biográfica do período clássico:

“Durante a questura, pronunciou, como era costume, o elogio fúnebre de sua tia Júlia e da esposa Cornélia nos rostos. E no panegírico da tia disse o seguinte a respeito da ascendência dupla dela e de seu próprio pai: “Do lado materno minha tia Júlia descende de reis, e o paterno está ligado aos deuses imortais. Com efeito, os Márcios Reis, e esse foi o nome de sua mãe, vêm de Anco Márcio e de Vênus provém os Júlios cuja gente pertence nossa família. Há, pois, no nosso sangue sacralidade dos reis, que têm grande poder entre os homens, e a santidade dos reis, que têm grande poder entre os homens e a santidade dos deuses, de cujo poder dependem os reis.”(1989, p.9)

E sobre o Imperador Augusto ele escreve:

“Aos onze anos, louvou publicamente sua avó Julia na ocasião do seu falecimento.”(1989, p.131)

Sobre os discursos fúnebres, Antonio da Silveira Mendonça(2007), acredita que esses discursos são antecessores ao gênero biográfico de Roma:

“Embora o pensamento romano, nesse campo(biográfico), como em muitas outras manifestações do espírito humano, tenha sofrido influência grega, é na autêntica tradição romana que se devem buscar as raízes históricas para o desenvolvimento desse tipo de relato. Ele está em germe nas laudationes funebres e nos tituli que por longos e longos anos ritualizaram a liturgia do poder da aristocracia dominante. Quando morria um dos seus membros, um magistrado ou familiar, em pomposo cerimonial, fazia o discurso em que se juntava o elogio o morto com a glória de seus ancestrais, estando bem entendido que na publicação das façanhas familiares era de praxe a ocorrência de deslizes promocionais. Antes, porém, do enterro ou da cremação, se fazia

reproduzir os traços físicos do defunto em máscara de cera guardada no átrio da casa da família; abaixo dessa reprodução ficava a inscrição (titulus) do seu nome, atos praticados, magistraturas ocupadas, etc. Esses registros familiares são considerados pelos estudiosos como o embrião da biografia em Roma.”

Em Roma, existiram dois tipos principais de biografia, o primeiro seria o mais energético, procurando contar a vida do biografado de forma a mostrar suas ações pessoais, suas manifestações. O principal representante deste tipo de biografia foi Plutarco.

O segundo tipo de biografia que era encontrado em Roma é o de nosso interesse, pois, está inserido na obra de nosso objeto de estudo, Suetônio. Essa biografia teria uma característica principalmente analítica. Segundo Bakhtin(1993):

“Poderia-se denominar o segundo tipo biográfico de analítico. Ele baseia-se num esquema de rubricas precisas, pelas quais distribui-se todo o material biográfico: a vida social, a vida familiar, comportamento na guerra, relações com amigos, aforismo dignos de lembranças, virtudes, vícios, aparência exterior, habitus, etc. Os diferentes traços e as particularidades do caráter são escolhidos entre acontecimentos e fatos distintos que ocorrem em épocas diferentes da vida do personagem e eu são classificados pelas rubricas correspondentes. Para comprovar um traço, são dados um ou dois exemplos da vida do personagem.”

“Dessa forma, a série biográfica temporal está quebrada: sob uma mesma rubrica são reunidos os momentos de épocas diferentes da vida. O princípio orientador, aqui, é também a entidade de caráter, do ponto de vista do qual o tempo e a ordem das manifestações de uma ou de outra parte dessa entidade são indiferentes. Já os primeiros traços (primeiras manifestações do caráter) predeterminam os contornos firme dessa entidade, e todo o restante dispõem-se, então, no interior desses contornos firmes dessa entidade, e todo o restante dispõem-se, então, no interior desses contornos, seja numa ordem temporal (primeiro tipo biográfico), seja numa ordem sistemática (segundo tipo).”

“O principal representante desse segundo tipo de biografia é Suetônio. Se Plutarco exerceu enorme influência na literatura, sobretudo no drama (pois o tipo energético da biografia é, por essência, dramático), Suetônio então teve influência principalmente sobre o gênero estritamente biográfico, particularmente na Idade Média.”

## Período de escrita de Suetônio

No período em que Suetônio nasce existe uma mudança nas características da escrita, que está relacionada ao momento histórico em que vive os romanos e que vai ser muito importante na sua escrita. Esta mudança é que o poder imperial não era mais apenas a união do Imperador e o exército mais a união deles com o partido político do senado.

Segundo Paratore a fase da história romana do período do nascimento de Suetônio foi:

“(...) O resultado final foi ter-se instalado o trono um general proveniente da modestíssima família da Sabina, Vespasiano, para quem apenas da família materna, a do úmbrio Vespásio Polião, provinha um reflexo da dignidade senatoria, na pessoa do tio. No entanto, este imperador sagaz amadurecido graças à experiência dos reinados efêmeros de Galba, de Otão e de Vitélio, compreendeu que só o apoio das forças militares não era garantia suficiente para a estabilidade da sua dinastia, porque o capricho das milícias, especialmente com um Senado adverso, o haveria de derrubar com a mesma facilidade com que o elevara. Por isso, verificou-se um acontecimento singular: como no período da fortuna de Octaviano, assim também para Vespasiano o apoio do partido senatório foi um expediente original para sair do aperto numa situação anormal, e dar estabilidade ao regime. E como a guerra de Ácio reafirmara, no esplendor numa grande vitória, o novo regime e o triunfo da romanidade sobre as forças do Oriente, assim a queda de Jerusalém, um ano depois da subida de Vespasiano ao trono, voltando a dar ao poder imperial o lustre da glória militar, e à romanidade o orgulho da preponderância esmagadora nos focos orientais de rebelião, reforçava a nova dinastia e cimentava ainda melhor a paz reconstituída entre a casa imperial e a oligarquia tradicionalista.” (s/d, p.677)

Esse período dos Flávios foi importante porque deu a estabilidade aos romanos, estabilidade essa vista apenas no período de Augusto. E as artes romanas chegam ao seu ápice de maior difusão. E sobre a literatura da época flaviana e posterior segundo Paratore é:

“(...) Enfim, na época flaviana deve-se apontar o início daquela literatura formalista e escolar em que veio a empobrecer-se rapidamente o ímpeto criativo da romanidade pagã, e a consciência hegemônica dos conquistadores do mundo enfraqueceu, esvaziou-se partir de dentro, permitindo que, primeiro, a reação helenístico – oriental e, depois, o imenso fascínio espiritual do

Cristianismo anulassem, de certo modo, o antigo gênio político e militar dos Romanos. A que havia chegado o culto pretensioso da bela forma, a prejudicial sobrevalorização do fato literário acima de qualquer outra forma de vida moral e civil, vêmo-lo na época de Trajano e de Adriano, quando Suetônio renovou Varrão, mas quase somente no respeitante à civilização literária, com um bocadinho de interesse histórico, entendido no sentido mais banal de curiosidade memorialista.” (s/d, p.680)

E vemos que no decorrer da literatura do período de Suetônio e principalmente no período dos governos dos imperadores que nasceram fora de Roma, temos uma tentativa de denegrir a imagem dos imperadores que nasceram em Roma. Segundo Paratore:

“(…)Mas outra palavra de ordem mais subtil e insidiosa era a comunicada pelo príncipe às letras e exprimia-se no Panegírico de Trajano, de Plínio, e, mais tarde, no De vita Caesarum, de Suetônio: a desvalorização de toda a história do Império anterior a Trajano e de todas as suas figuras principais. O novo imperador, consciente de que o Senado estava agora esvaziado de autoridade e era perigoso apagar suas susceptibilidades senis em questões formais, dava mostras de respeitar as garantias tradicionais, de forma a merecer o título de optimus princeps e a fama que haveria de levar Dante a colocá-lo a ele, pagão no Paraíso;(…)”(s/d, p.684)

Mas fica claro que os literatos do período não aceitam calados a revolução proposta por Trajano, principalmente a de enganar o Senado e diminuir suas qualidades. Vemos neste período que vários autores vão escrever elogiando o período da República romana, até mesmo Suetônio faz isso quando mostra o lado obscuro do poder dos governantes romanos.

### **Suetônio e sua escrita**

Sobre Suetônio acredita-se ter nascido em Roma, provavelmente em 69d.C., e morreu provavelmente no ano de 141. Filho de Suetônio Leto tribuno da 13ª legião que lutou em Bedríaco, batalha onde Vitélio triunfou sobre Otão. Suetônio teria sido um estudioso da retórica e advogado, mas foi sobretudo um grande erudito, e sendo provável que tenha exercido a profissão de gramático. Por volta do triênio que de 106-109 d.C., escreveu De viris illustribus. Posteriormente, a obra a ser estudada- De vita Caesarum.

Paul Harvey(1998) apresenta Suetônio como um atuante advogado nos tribunais de Roma. Amigo de Plínio, o Jovem - homem político influente na sociedade romana do século I e II d.C.. Foi exatamente esta figura tão ilustre que lhe abriu o caminho das letras, com o pedido-lhe a concessão do ius trium liberorum para o Imperador Trajano.

Suetônio foi um dos secretários imperiais de Trajano e Adriano , o que lhe deu acesso aos arquivos imperiais, que foram utilizados por ele em seus estudos sobre a antigüidade, os quais se dedicou após deixar o cargo de secretário Imperial. Neste cargo de secretário, conheceu Septício Claro, prefeito do pretório de Adriano. Claro lhe apresentou uma série de pessoas importantes da sociedade romana, o que lhe favoreceu nos seus estudos.

É provável que entre os anos 106-109 d.C. Suetônio tenha escrito uma de suas obras, o *De viris illustribus*, dedicada aos homens de letras latinos. Esta obra encontra-se dividida nas seguintes seções: *De poetis*; *De oratoribus*; *De historicis*; *De philosophis* *De grammaticis et rhetoribus*. Cada seção tinha um próêmio sobre o *genus literário* cultivado pelos homens nela recordados. É graças a Suetônio que temos o conhecimento biográfico dos escritores latinos até quase todo o século I d.C.

Sua obra mais conhecida, *De vita Caesarum*, compreende as biografias dos imperadores, desde o general Júlio César até o Imperador Domiciano. Esta obra chegou até nós mutilada do início, sem a dedicatória proeminal feita a Septício Claro. Encontra-se dividida em oito livros dedicados a cada imperador da Dinastia Júlio-Cláudia, um para os três imperadores do ano da anarquia(Galba, Otão e Vitélio) e um para os três imperadores da casa Flávia(Vespasiano, Tito e Domiciniano).

Dado que esta obra é dedicada a Septício Claro ainda no cargo de prefeito do pretório do reinado de Adriano e devido a algumas passagens que Suetônio utilizou como fonte dos documentos dos arquivos imperiais, deduz-se que *De vita Caesarum* foi composto entre 119 - 121, período em que foi secretário (*epistularum magister*) de Adriano. As biografias dos doze governantes foi o último e mais decisivo esforço para

deprimir a figura e a obra dos fundadores do regime imperial, no período em que o regime, por obra de Adriano, se encaminhava definitivamente para a autocracia.

Nas biografias dos doze Césares, Suetônio segue o esquema habitual de acumular notícias, mais ou menos apetitosas, em volta de pontos fixos: a família, o nascimento, a subida ao trono, a atividade militar e legislativa, a educação literária, a vida moral, a morte. E sobre cada um destes pontos, acumulam-se, por um lado, as notícias favoráveis, e por outro as desfavoráveis. Sobre alguns imperadores que nas fontes são alvejados pelo ódio, faltam quase notícias favoráveis, ou recorre-se ao critério de dividir a vida do imperador em duas, por uma mudança repentina. Mas Suetônio, segundo Paratore(s/d), era suficientemente honesto para registrar todas as notícias favoráveis, quanto as fontes lhe ofereciam informações.

A mentalidade erudita de Suetônio é acompanhada por uma curiosidade típica dos aspectos humanos da personagem, que talvez não seja apenas uma herança da biografia helenística, mas também uma contribuição da sua época na qual era comum o apego pela libelística escandalosa e à análise dos caracteres. Segundo esse modelo, Suetônio se apega às particularidades dos seus personagens.

Segundo Paratore(s/d: 777 - 778) “a sua história é o exemplo mais típico daquilo que se costuma chamar a história do grande homem, visto pelo seu criado de quarto.” Suetônio teria essa característica da literatura libelística, devido ao caráter da biografia helenística e também a sugestão dum ambiente que tentava por em má luz toda uma tradição incômoda para os imperadores de origem estrangeira, que visavam instituir a autocracia.

Cizek(1977: 01) reconhece a influência de Suetônio na literatura mundial: “Quoi qu’il en soit, il est certain que l’influence de Suétone sur lê développement de la littérature universelle est plus importante qu’on ne pense.” O autor afirma que Suetônio é um produto do apogeu da civilização romana, e que nos reinados de Trajano e Adriano

teria ocorrido um aumento da intelectualidade. Com o fim da crise de crescimento do Império houve mutações no interior de sua sociedade.

“Notre Tranquillus est un des produits intéressants de l’apogée de la civilisation romaine. En effet, si l’épanouissement des énergies économiques et politiques de cette civilisation paraît atteindre le sommet au temps d’Antonin le Pieux et de Marc-Aurèle, les règnes de Trajan et d’Hadrien semblent plus instables, mais plus susceptibles de mettre en valeur les efforts humains. (...) Certes, ces <<équilibres avancés>> couvraient mutations importantes subies par les rapports de force particuliers à la société romaine. Si la plèbe urbaine se laissit toujours gâter par empereurs, dans des conditions Qui lui assuraient une position assez modeste, mais privilégiée par rapport à celles des esclaves et des non-citoyens, position restant toujours inchangée, il n’en était pas de même des autres couches sociales. Il ne s’agit pas uniquement de phénomènes comme la progression du colonat, la décadence accrue de l’Italie, l’expansion des élites provinciales, intensément romanisées. En effet, se poursuivent aussi l’effritement de l’aristocratie sénatoriale et la montée irrésistible de l’ordre équestre. Ces faits auront des échos très importants dans la pensée de Suétone.” (Cizek, 1977: 3-4)

Embora grande parte da obra prenda-se em narrar as manias dos imperadores, as informações históricas são de valor indiscutível. Sobre isso nos fala Carlos Heitor Cony ao afirmar que:

“Suetônio resiste ao tempo. Suas doze biografias formam um dos inarredáveis alicerces de qualquer cultura humanística. No mundo ocidental –e enquanto houver mundo ocidental- Suetônio terá sua sobrevivência histórica e literária garantida, não tanto pelos próprios méritos, mas pelo volume das informações que nos legou sobre alguns dos homens mais importantes de uma era realmente importante aquela que dividiu o mundo em antes e depois.”(CONY, s/d:07)

Segundo Paul Harvey(1998:472) essa obra conta a linhagem e a carreira de cada Imperador, mas consiste principalmente em anedotas, muitas delas baseadas em rumores ou simples boatos. Elas evidenciam pouco discernimento ou penetração histórica, porém incluem muitas alusões interessantes ou divertidas.

Para o tradutor da versão em português da obra “As vidas dos doze Césares”, Sady Garibaldi, Suetônio é um:

“Estudioso dos costumes de sua gente e de seu tempo, escreveu grande cópia de obras eruditas, em que passa em revista as principais personagens da época. Foi sobretudo um indiscreto devassador das intimidades da côrte romana,

dando-nos uma visão íntima e sem cerimônias dos vícios dos Imperadores e das picuinhas que dividiam a nobreza.” (GARIBALDI, s/d:13)

Todavia, segundo Paratore(s/d: 778) “Suetônio, também revela contudo, à sua maneira, a urgência ainda viva de resolver os problemas deixados em herança pelo atormentadíssimo primeiro século do império.” Complementa seu argumento afirmando que:

“as biografias suetonianas não sempre e apenas ferro-velho, amontoado indiscriminado de notícias. Delas também se pode deduzir umas atitude toleravelmente constante: o do intelectual romano que acabou por adotar a mentalidade do plebeu gozador da metrópole.”(PARATORE, s/d: 778)

Mesmo existindo críticas contra Suetônio, e seu método de escrita, vários autores utilizam-se de Suetônio para se estudar a história tanto do final da República, quanto do primeiro século do Império Romano. Podemos ver a utilização de Suetônio como bibliografia, na passagem do livro “Roma: democracia impossível?” de Nobert Rouland, na seguinte passagem:

“Suetônio tem razão. César, no seu reinado —é esse o nome que cabe para o seu regime- fez com que o Senado e os comícios passassem a ser câmaras de registros. As assembléias populares votavam as leis que ele elaborava e empossavam os candidatos oficiais designados por ele. Mas mesmo isso apenas em parte, pois reservava-se o direito de nomear pessoalmente os côsules e a maioria dos outros magistrados. Ao Senado é reservada sorte análoga. César convoca-o pro forma, mas de fato toma as decisões por ele mesmo. Cícero, que evidentemente era membro daquele Colegiado, ficava deveras surpreso ao receber cartas de príncipes estrangeiros, agradecendo-lhe o voto em seu favor, algo que absolutamente não era de seu conhecimento...” (ROULAND, 1997:336)

O autor francês Cizek(1977) vai nos dizer: “Cependant, rien ne serait plus erroné que de couper Suétone des structures issues de l'évolution du genre littéraire qu'il aborde et surtout des réalités sociales, politiques et esthétiques, que son époque fait valoir.”

Segundo Cizek(1977) o autor alemão Wolf Steidle revolucionou o estudo sobre Suetônio, segundo ele:

“La réévaluation de suétone fut pourtant l’œuvre de Wolf Steidle. Le savant allemande déclencha une véritable révolution dans les études suétoniennes, dont il tira l’idée que Tranquillus était capable de juger et d’intervenir dans le récit.” (CIZEK, 1977:33)

Com o que foi demonstrado no texto esperamos ter sido claros de nosso ponto de vista, de que a escrita e o poder estão relacionados. E com os exemplos utilizados esperamos ter enaltecido ainda mais nossa opinião sobre o assunto. Apesar de saber que este tema é extenso e sempre será merecedor de discussão.

### **Referências Bibliográficas**

- ALFÖDY, Géza, A História Social de Roma. Lisboa Presença, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance; Editora Unesp, São Paulo 1993, Terceira Edição.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo(org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Zélia de Almeida: A literatura Latina. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2003.
- CIZEK, Eugen, Structures et idéologie dans “Les vies des douze Césars” de Suétone. Paris, ed. Academiei, 1977.
- ENGEL, Jean-Marie, PALANQUE, Jean-Rémy; O Império Romano. São Paulo: Atlas, 1978.
- FINLEY, Moses I.: Aspectos da Antiguidade: Descobertas e Controvérsias, Edições 70, Lisboa, 1990.
- GRIMAL, Pierre. O Império Romano. RJ: Edições 70, 1993.
- HARVEY, Paul. Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1998.
- MARTIN, Régis F. Lês Douze Césars: Du mythe à la réalité. Paris, Les Belles Lettres, 2ª edição, 2004.

PARATORE, Ettore. História da literatura latina. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, s/d.

ROLAND, Nobert. Roma, democracia impossível? Os agentes do poder na urbe romana. Brasília: UnB, 1997.

SOBRAL, Aldo Eustáquio Assir. Suetônio revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em “As Vidas dos Doze Césares” Rio de Janeiro, UFRJ, 2007. (Tese de doutorado)

SUÉTONE, Vies des douze Césars. Paris: Les Belles Lettres, s/d.

SUETÔNIO Tranqüilo, Caio , As Vidas dos Doze Césares. São Paulo: Atena, 4ª edição, s/d.

\_\_\_\_\_ As Vidas dos Doze Césares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, s/d.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Relações de poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana. São Paulo: USP/FFLCH, 2000 (Tese de doutorado).

VERNANT, Jean – Pierre dir.; O Homem Grego. Editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, 1994.

Vidas de César, por Suetônio e Plutarco: Tradução e nota Antonio da Silveira Mendonça, Ísis Borges Belchior da Fonsenca – São Paulo: Estação Liberdade, 2007.